

***A concepção
de enunciado
na BNCC:
possibilidades dialógicas***

RESUMO

O presente artigo resulta de discussões desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, da Universidade Federal de Campina Grande, sobre a relação e a interação entre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e as concepções dialógicas da linguagem que, a nosso ver, apresentam um diálogo possível, mesmo que o texto da base não explicita a corrente teórica adotada. Nesse sentido, partimos do seguinte questionamento: como podemos pensar as orientações contidas na BNCC à luz da noção de enunciado expressa pelo Círculo de Bakhtin? No intuito de vislumbrarmos possíveis respostas, temos por objetivo: analisar como a noção de enunciado é abordada na BNCC do Ensino Médio (EM) ao propor o trabalho com Língua Portuguesa. Assim sendo, a investigação se dará em duas frentes: a primeira, refletir sobre como a própria BNCC pode ser compreendida como enunciado; e a segunda, como o documento aborda esse conceito, no que concerne ao ensino de Língua Portuguesa. Como base teórica, apoiamos-nos nas contribuições da Teoria Dialógica da Linguagem de Bakhtin e do Círculo. No que diz respeito à metodologia, trata-se de uma pesquisa documental e exploratória. Diante disso, os resultados apontam que ao propormos relações entre a BNCC e a abordagem dialógica da linguagem e, ao refletirmos sobre conceitos como linguagem, interação, diálogo e a própria noção de enunciado, é possível entender a BNCC como enunciado concreto, unidade real do discurso, um ato dialógico, que é, por natureza, social e historicamente situado.

PALAVRAS-CHAVE: BNCC. Enunciado. Comunicação discursiva

1 Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor de Língua Portuguesa e Linguística da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: manassesmxavier@yahoo.com.br

2 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: maria.dnalda@estudante.ufcg.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo é parte de nossa pesquisa de mestrado em andamento veiculada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, da Universidade Federal de Campina Grande, e surge da necessidade de pesquisas que se dediquem a pensar o atual cenário educacional brasileiro no que se refere a investigações sobre documentos orientadores do ensino, principalmente aqueles voltados ao processo de ensino e de aprendizagem de Língua Portuguesa. Aqui, por hora, voltamos nosso olhar para a Base Nacional Comum Curricular (doravante BNCC) do Ensino Médio, com maior atenção à área de Linguagens e suas Tecnologias.

Nesse sentido, visamos situar uma discussão que ganha fôlego e espaço na conjuntura de pesquisas sobre os processos formativos no cenário da Educação Básica brasileira, tomando por base a perspectiva Dialógica da Linguagem advinda dos estudos do Círculo de Bakhtin, que hoje já assume um caráter histórico, com singularidades e posicionamentos axiológicos “que se articulam na direção de um *paradigma dialógico da linguagem*.” (BRAIT; NUNES, 2018, p. 145, itálicos dos autores). Dos trabalhos do Círculo, evidenciamos os estudos de Bakhtin (2016) e de Volóchinov (2019; 2018) que dialogam ao compreenderem a linguagem enquanto fenômeno discursivo, o que, conforme Brait e Nunes (2018, p. 146), sinaliza “as fronteiras que permeiam existência e cultura, ideologia do cotidiano e ideologia sistematizada, vivência e ciência, vida e arte, elegendo o *diálogo* [...] sustentáculo dessa perspectiva” e o enunciado como unidade real do discurso, um ato dialógico, que é, por natureza, social e historicamente situado.

Diante desse contexto, o presente artigo parte do seguinte questionamento: como podemos pensar as orientações contidas na BNCC à luz da noção de enunciado expressa pelo Círculo de Bakhtin? Com vistas a respondê-lo, temos por objetivo analisar como a noção de enunciado é abordada na BNCC do EM ao propor o trabalho com Língua Portuguesa.

Do ponto de vista metodológico, o presente estudo se vincula à pesquisa documental e, desse modo, realizamos um recorte do texto da BNCC, selecionando as partes referentes a Linguagens e suas Tecnologias e, em específico, à área de Língua Portuguesa, que acentuam a concepção de enunciado subjacente ao propor o ensino de Língua Portuguesa e como o próprio documento pode ser lido enquanto enunciado concreto. Em face desse recorte, detemo-nos em explorar e analisar como seu texto concebe o enunciado no que concerne em específico à área de Língua Portuguesa. Assim, por meio dos recortes realizados, geramos os dados que serão elucidados em nossas análises.

Nesse sentido, tomamos o texto da base como foco, ou seja, consideramos o documento enquanto construção cultural e artefato social (MOREIRA; CALEFFE, 2008), visto que o temos como fonte principal para geração de dados e análise da investigação, além de ser fonte histórica de informações

e de ideologias, ou seja, um instrumento cultural. É sob essa ótica que compreendemos, metodologicamente, o texto da BNCC do EM no que diz respeito ao tratamento ofertado à noção de enunciado.

Isso posto, consideramos que o estudo de documentos que orientam e normatizam o ensino de Língua Portuguesa, como a BNCC, que é “[...]um documento de caráter normativo” (BRASIL, 201238, p. 07), permite-nos compreender a concepção subjacente sobre linguagem e sobre o conceito de enunciado, como aqui propomos.

Desse modo, o estudo aqui apresentado torna-se relevante por se debruçar sobre um panorama atual do cenário educacional brasileiro, tendo em vista a notoriedade da BNCC. Trata-se de uma investigação que se concretiza como uma atividade de pesquisa, ao levar em consideração os contextos educacional, social e cultural, pois ao ser posto como documento orientador de ensino, a BNCC se materializa em enunciado, replicando conceitos, preceitos, concepções e fundamentos sobre os mais diversos aspectos da educação, como ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa.

No que concerne à organização deste artigo, além desta introdução, serão apresentadas, a seguir, duas seções. Na primeira, *Enunciado: a unidade real da comunicação discursiva*, discutimos sobre o enunciado na BNCC a partir dos conceitos próprios da Teoria Dialógica da Linguagem; na segunda, de cunho analítico, *A BNCC enquanto unidade de comunicação discursiva*, realizamos a análise dos dados. Em seguida, apresentamos as considerações finais e as referências.

2. ENUNCIADO: A UNIDADE REAL DA COMUNICAÇÃO DISCURSIVA

Para examinar como a noção de enunciado se faz presente na BNCC do EM, partimos da natureza dialógica da linguagem, considerando que, para tal perspectiva, há uma intrínseca relação entre homem e linguagem, o que nos conduz a pensar o documento a partir dessa relação, na qual aspectos históricos, culturais e sociais fazem parte dos sentidos construídos em seu texto. Esses aspectos dizem respeito, por exemplo, ao momento histórico vivenciado que propiciava e exigia a elaboração do documento, o que já era estabelecido pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB), as ideologias vigentes à época, a participação da sociedade, com consulta pública; ou seja, tudo isso são pontos importantes para pensarmos o documento.

De início, vale refletir sobre a natureza dialógica da linguagem, que nos remete aos questionamentos do Círculo de Bakhtin sobre as formas de conceber a língua/linguagem: o subjetivismo idealista, que concebia a língua como criação individual do psiquismo, representação do pensamento e do mundo; e o objetivismo abstrato, que considerava que a verdadeira substância da língua é formada por um sistema abstrato de formas linguísticas e pela enunciação monológica. Em contrapartida a essas duas concepções, Volóchinov (2018) nos traz uma terceira concepção, inserindo

o componente ideológico, considerando a linguagem como social e ideologicamente situada, conceituando a palavra como um “ato bilateral”, como “produto das inter-relações do falante com o ouvinte”, como “território comum entre o falante e o interlocutor” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 36).

Partindo de tal concepção, evocamos aqui o conceito de enunciado que, de modo geral, pode ser utilizado em várias perspectivas teóricas, com as mais diferentes concepções, sendo compreendido desde como uma sequência frasal ou a partir de um ponto de vista pragmático, até ser apresentado em oposição à frase ou como unidade de comunicação, de significação, de modo contextualizado.

Diante desse contexto, vale salientar que o conceito de enunciado não se trata de algo pronto e acabado, mas sim de um processo, de modo que os sentidos vão sendo construídos, pensados e elaborados. Trata-se de um conceito chave nos estudos do Círculo de Bakhtin e, para a delimitação do presente estudo, centramos nossa atenção em Bakhtin (2016) e Volóchinov (2019; 2018), além de pesquisas na área, como Brait e Melo (2020) e Xavier (2020).

Em algumas teorias, enunciado equivale a frases ou a sequência de frases, em outras, assume um aspecto gramatical e, de modo geral, é utilizado em oposição à frase. Para além dessas concepções, convocamos os estudos de Bakhtin e do Círculo, que apresentam o enunciado como unidade real e material discursiva.

Brait e Melo (2020, p. 32, itálicos das autoras), no texto *Enunciado, enunciado concreto e enunciação*, apresentam-nos que, mesmo inserido no “pensamento bakhtiniano, as possibilidades de leitura dos termos *enunciado, enunciado concreto e enunciação*, só têm sentido na articulação com outros termos, categorias e conceitos.”

Em os *Gêneros do discurso*, Bakhtin (2016, p. 11) destaca que “o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais ou escritos) concretos e únicos, [...]”, ou seja, é por meio da concretização dos enunciados que são proferidos, que a língua é posta em uso, em prática. Tal concepção nos conduz aos campos das atividades humanas também destacadas por Bakhtin (2016), tendo em vista que os enunciados refletem e refratam as condições e as finalidades dos campos nos quais se encontram inseridos.

Conforme Bakhtin (2016, p. 29, itálicos do autor), o enunciado é tido como “unidade da comunicação discursiva” e é definido pela “*alternância de sujeitos do discurso*”. Para compreendermos tal concepção, é necessário seguirmos os postulados dos estudos do Círculo de Bakhtin, diferenciando enunciado e oração em aspectos fundamentais. A oração é uma construção que apresenta natureza gramatical, enquanto unidade da língua, isto é, apresenta fronteiras, limítrofes, ou seja, “é um pensamento relativamente acabado” (BAKHTIN, 2016, p. 31). Já o enunciado é apresentado não apenas como uma unidade convencional, mas unidade real da língua em funcionamento. Nesse sentido, enquanto a oração está para a unidade da língua, o enunciado está para a unidade de comunicação discursiva.

Tal concepção não significa que devemos desprezar a oração. Pelo contrário, sinaliza a necessidade de compreendermos que as palavras e as orações ganham sentidos quando se concretizam em enunciados, pois uma oração por si só não é capaz de propor uma leitura, uma atitude responsável e responsiva do leitor. Assim, concordamos com Timmernann (2014), ao considerar que a oração pode ser até o próprio discurso, mas só pode adquirir sentido quando analisada como enunciado em relação aos fatores extraverbais, ou seja, em uma situação enunciativa situada.

Como exemplificação, vejamos a seguinte situação: quando uma oração qualquer é proferida, os sentidos só podem ser atribuídos quando da conclusibilidade dessa oração pelo leitor/ouvinte e, quando isso acontece, o interlocutor exprime uma reação, uma atitude responsiva; é essa atitude responsiva que torna a oração/frase em enunciado, que confere o caráter de enunciação, a partir dos usos concretos da língua. Assim, endossamos o posicionamento de Timmernann (2014), para quem a oração é transformada em enunciado quando está envolta em uma contextualização e na relação alternada de enunciado resposta.

Diante disso, pontuamos que é indispensável considerar três dimensões do enunciado: a comunicativa, isto é, a capacidade de gerar comunicação; a interativa, ou seja, ele é capaz de produzir interconexões e teias dialógicas, em um movimento em que o verbal e o extralinguístico interagem na mesma situação de comunicação; e a valorativa, levando-se em consideração os aspectos avaliativos e valorativos dos sujeitos envolvidos no processo enunciativo. Tal concepção aqui apontada nos remete à noção de que “[...] o enunciado e as particularidades de sua enunciação configuram, necessariamente, um processo interativo” (BRAIT; MELO 2020, p. 67). Isso posto, torna-se importante resgatar a voz de Bakhtin (2016, p. 57):

Os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmo; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros. Esses reflexos mútuos lhes determinam o caráter. Todo enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Todo enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo [...] ele os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo, os leva em conta.

Nessa ótica reside a essência da Teoria Dialógica da Linguagem: a consideração de que tudo é dialógico e, sendo o enunciado considerado a partir das três dimensões supracitadas, ele resgata a noção de dependência, de que todo enunciado é elaborado em resposta a outros já proferidos, apontando à noção de relações dialógicas como essencial do enunciado concreto.

Diante do exposto e para reiterar nosso posicionamento, frisamos que compreendemos enunciado enquanto uma realidade concreta da linguagem, isto é, uma unidade de comunicação discursiva que constrói diálogo

e interação que ganham sentidos por meio dos sujeitos situados social e historicamente. Nesse sentido, refletimos, a seguir, como a BNCC pode ser lida enquanto unidade de comunicação discursiva.

3. A BNCC ENQUANTO UNIDADE DE COMUNICAÇÃO DISCURSIVA

Partindo das reflexões até o momento desenvolvidas, intentamos agora refletir sobre a concepção de enunciado presente na BNCC do EM. Podemos compreender o documento enquanto enunciado e falar que esse conceito é abordado na base em perspectiva dialógica? Vejamos.

Na BNCC, a perspectiva dialógica do enunciado poder ser observada desde seu processo de elaboração, visto que se levou em consideração, dentre os outros aspectos, uma “ampla consulta à comunidade educacional e à sociedade” (BRASIL, 2018, p. 20), o que já assinala a noção de diálogo, uma vez que, por meio da consulta pública, foi possível construir teias dialógicas entre as diversas vozes que contribuíram para a construção do texto. Para tanto, foi preciso atender a fatores basilares, como o contexto e os sujeitos envolvidos no processo educacional. Essa visão aponta à compreensão de que a palavra é um território plural e de interação, aspectos que são marcados na BNCC e, como tal, pode ser lida como enunciado de diferentes vozes que dialogam e interagem.

No que diz respeito à estrutura, a BNCC do EM está organizada em quatro áreas do conhecimento, conforme determina a LDB. Cada área explicita seu papel na formação integral dos estudantes do EM e destaca particularidades no que concerne ao tratamento de seus objetos de conhecimento. Além disso, são estabelecidas competências específicas para cada área que devem ser desenvolvidas ao longo dessa etapa. No intuito de assegurar o desenvolvimento das competências específicas de área, a cada uma delas é relacionado um conjunto de habilidades, representando as aprendizagens essenciais que devem ser garantidas aos estudantes do EM.

No tocante à área de Linguagens e suas Tecnologias no EM, a BNCC prioriza cinco campos de atuação social, a saber: 1) campo da vida pessoal; 2) campo das práticas de estudo e pesquisa; 3) campo jornalístico-midiático; 4) campo de atuação na vida pública; e 5) campo artístico. Em relação ao componente de Língua Portuguesa, é proposto que os estudantes possam vivenciar experiências significativas com práticas de linguagem em diferentes mídias (impressa, digital, analógica), situadas em campos de atuação social diversos, de modo que se seja possível “[...] possibilitar vivências significativas de práticas colaborativas em situações de interação presenciais ou em ambientes digitais” (BRASIL, 2018, p. 502), vinculados ao enriquecimento cultural próprio, às práticas cidadãs, ao trabalho e à continuação dos estudos.

Em vista disso, é possível arquitetar relações entre a perspectiva da Teoria Dialógica da Linguagem e as concepções adotadas pela BNCC para o ensino de Língua Portuguesa, visto que o documento remete a termos e expressões

que têm em sua essência o caráter dialógico, como ao propor um ensino de língua voltado aos contextos de usos e de interação. Assim, concordamos com Dantas e Santos (2020), ao destacarem que as bases teóricas do Círculo de Bakhtin mostram-se eficazes quando se pensa a nova configuração educacional, sobretudo no ensino de Língua Portuguesa, exigida na Educação Básica. Isso posto, nossa atenção se detém, a seguir, em compreender como a abordagem dialógica do enunciado se faz presente na BNCC do EM. Para tanto, refletimos sobre conceitos importantes para a perspectiva, que serão abordados ao longo da discussão e análises apresentadas.

De início, chamamos a atenção para a concepção de um trabalho realizado em regime de colaboração. Nesse sentido, convocamos a Figura 1.

Figura 1–Base Nacional Comum Curricular e regime de colaboração

Base Nacional Comum Curricular e regime de colaboração

Legitimada pelo pacto interfederativo, nos termos da Lei nº 13.005/2014, que promulgou o PNE, a BNCC depende do adequado funcionamento do **regime de colaboração** para alcançar seus objetivos. Sua formulação, sob coordenação do MEC, contou com a participação dos Estados do Distrito Federal e dos Municípios, depois de ampla consulta à comunidade educacional e à sociedade, conforme consta da apresentação do presente documento.

Fonte: (BRASIL, 2018, p. 20, destaque no texto da Base)

Podemos perceber, na Figura 1, a importância dada ao regime de colaboração, visto que o próprio texto traz o termo em relevo, enfatizando a característica de cooperação necessária entre os órgãos de ensino, Estados, Municípios, comunidade educacional e sociedade. A partir dessa característica, já podemos identificar a BNCC como um enunciado no que diz respeito ao diálogo e à interação, pois envolve os mais diversos sujeitos expressivos que precisam se posicionar, ter atitudes responsáveis e responsivas diante do que lhe é proposto.

Com essa concepção de colaboração, a base assume uma perspectiva dialógica e adota o caráter de enunciado produzido a partir da interação de vozes, de posicionamentos e valorações, tendo em vista que cada segmento, ao contribuir com a elaboração do documento, torna-se também parte substancial desse enunciado, com vozes que ecoam com concepções culturais, sociais, ideológicas, com valorações.

O regime de colaboração ainda é observado no próprio processo de construção do documento, que foi construído em três versões: a 1ª em 2015, com uma consulta pública para que a sociedade pudesse contribuir com a formulação do documento; a 2ª em 2016, quando o documento foi redigido, a partir das contribuições da consulta pública; e a 3ª em 2017, quando foi

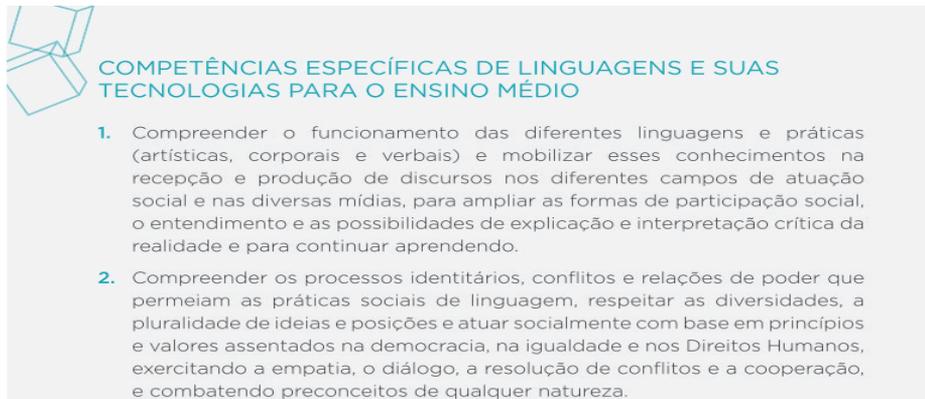
publicada a primeira parte da versão final, destinada à Educação Infantil e ao Ensino Fundamental, que teve a homologação em 2018, incluindo a parte destinada ao EM.

Ainda podemos identificar, na Figura 1, o enunciado enquanto “unidade da comunicação discursiva”, definido pela “*alternância de sujeitos do discurso*”, como aponta Bakhtin (2016, p. 29, itálicos do autor), pois a postura de colaboração para construção do documento deixa subjacente essa alternância dos sujeitos, sujeitos esses pertencentes aos mais diversos campos da atividade humana, desde especialista em educação e língua à sociedade em geral. Desse modo, enfatizamos que, ao assumir o regime de colaboração, a BNCC veste-se da essência dialógico-discursiva do Círculo de Bakhtin e torna-se enunciado concreto, ou seja, torna-se a unidade da comunicação discursiva, nesse contexto, a unidade da comunicação do campo da educação e do ensino de Língua Portuguesa. Assim sendo, consideramos também que a base pode ser lida como enunciado no sentido de que traz marcas políticas, ideológicas e sociais inerentes ao processo educacional.

Ao se elaborar a BNCC, constrói-se um documento plural, resultado de um trabalho coletivo, inspirado em experiências educacionais, incluindo discursos que trazem questões importantes à educação, ao considerá-la, por exemplo, como um processo contínuo de ensino e de aprendizagem perpassado por concepções, ideologias, realidades das mais diversas possíveis, uma vez que a “BNCC do Ensino Médio se organiza em continuidade ao proposto para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, centrada no desenvolvimento de competências e orientada pelo princípio da educação integral” (BRASIL, 2018, p. 469). Trata-se de um discurso que busca parametrizar o ensino ao expressar, em dez competências gerais, uma espécie de guia, de orientação para o desenvolvimento escolar da Educação Básica.

Ao trazer as dez competências, é ressaltado que elas precisam ser entendidas de maneira inter-relacionadas e desdobradas no que diz respeito ao tratamento didático proposto para as três etapas da Educação Básica, de modo articulado, com vistas à construção do conhecimento. Das dez competências, destacamos duas, as quais ilustramos na Figura 2:

Figura 2- Competências específicas de Linguagens Códigos e suas Tecnologias



Fonte: (BRASIL, 2018, p. 481)

Na Figura 2, observamos o tratamento ofertado ao trabalho com a linguagem. Por exemplo, na primeira competência, há um destaque para o funcionamento das diferentes linguagens e suas práticas, que devem ser concebidas a partir do contexto e dos entornos sociais, levando-se em consideração os sujeitos que são construídos socialmente. Assim, assinala à produção de discursos diversos nos mais diferentes campos de atuação humana.

A segunda competência pode ser lida como complemento à primeira, pois destaca “*as práticas sociais de linguagem*”, contribuindo para compreendermos o tratamento oferecido à linguagem. Nesse sentido, concordamos com Santos e Dantas (2020, p. 296), ao destacarem que há aqui uma concepção “genuinamente bakhtiniana”. Ainda conforme os pesquisadores, é importante ter em mente que o sujeito se encontra inserido justamente nessa prática social, que ligada ao meio social, é onde se constrói o enunciado bakhtiniano.

Ao elencar “o funcionamento das diferentes linguagens” (BRASIL, 2018, p. 481), a base se pauta na abordagem dialógica da linguagem, pois evoca a multiplicidade das linguagens, que é arquitetada ao considerar a língua como fenômeno social e historicamente situado. Nesse sentido, entra em cena a necessidade de compreender “os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem” (BRASIL, 2018, 481), que corroboram para a construção da noção de enunciação também enquanto processo histórico e social, em que os contornos linguísticos, que abarcam as condições de produção de determinados enunciados, estão inseridos em conflitos e interação, com ênfase para o caráter social.

Aqui, cabe destacar a construção da proposta da BNCC enquanto enunciado concreto, que, por sua vez, propõe um ensino de língua que também se pauta nos usos da linguagem, na busca por mobilizar conhecimentos, pondo em pauta o estudo do enunciado.

É nesse sentido que compreendemos a BNCC enquanto enunciado que ganha realidade concreta, materializada e significativa na medida em que integra a própria prática de trabalho com a linguagem e, com vistas às possibilidades discursivas do enunciado, atrelando-se, desse modo, ao conceito gêneros do discurso, que Bakhtin (2016) aborda enquanto formas relativamente estáveis de enunciados. Isso é possível tendo em vista que a existência de gêneros discursivos atribui à natureza social ao discurso que emerge no/pelo enunciado. Assim, podemos dizer que, ao passo que os gêneros discursivos “delineiam” o enunciado, eles precisam ser apreendidos dentro da instância do próprio enunciado, em um movimento dialógico-discurso. Essa perspectiva pode ser observada na BNCC, como elucidamos com a Figura 3:

Figura 3–Gêneros discursivos enquanto práticas de linguagens

- a complexidade das **práticas de linguagens e dos fenômenos sociais** que repercutem nos usos da linguagem (como a pós-verdade e o efeito bolha);
- a consolidação do domínio de **gêneros do discurso/gêneros textuais** já contemplados anteriormente e a ampliação do repertório de gêneros, sobretudo dos que supõem um grau maior de análise, síntese e reflexão;
- o aumento da complexidade dos textos lidos e produzidos em termos de temática, estruturação sintática, vocabulário, recursos estilísticos, orquestração de vozes e semioses;

Fonte: (BRASIL, 2018, p. 491, grifos nossos)

A Figura 3 contribui para que possamos entender que os gêneros discursivos são apresentados na BNCC como basilares para o ensino de Língua Portuguesa, pois são levados em consideração na definição da progressão das aprendizagens e das habilidades. Além disso, a base também propõe “Estabelecer seleções em perspectivas comparativas e *dialógicas*, que considerem diferentes *gêneros literários*, culturas e temas, ao se considerar os Parâmetros para a organização/progressão curricular” (BRASIL, 2018, p. 514, *itálicos nossos*). Tal proposta, mais uma vez, confere ênfase aos postulados do Círculo de Bakhtin, ao apontar a concepção dialógica na consideração dos gêneros em estudo. Assim, a BNCC convoca a perspectiva dialógica como essencial dos estudos dos gêneros e, por consequência, do enunciado, o que significa que um gênero jamais se apresenta em sua totalidade, mas a partir de manifestações sociais e históricas do enunciado em uso e, para isso, os sujeitos precisam participar de um campo em comum, por estarem na mesma esfera de comunicação.

Outro aspecto importante diz respeito à orientação social do enunciado apontada por Volóchinov (2019). Para elucidarmos tal aspecto, convocamos a figura 4:

Figura 4–Orientação social do enunciado

Referência nacional para a formulação dos currículos dos sistemas e das redes escolares dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios e das propostas pedagógicas das instituições escolares, a BNCC integra a política nacional da Educação Básica e vai contribuir para o alinhamento de outras políticas e ações, em âmbito federal, estadual e municipal, referentes à formação de professores, à avaliação, à elaboração de conteúdos educacionais e aos critérios para a oferta de infraestrutura adequada para o pleno desenvolvimento da educação.

Fonte: (BRASIL, 2018, p. 08)

A Figura 4 nos possibilita entender a BNCC como referência para a estruturação dos currículos e, como tal, traz orientações desde a formação de professores à elaboração de conteúdo, o que significa que o documento assume um posicionamento social de *orientador*, pois ao destinar-se aos professores e às escolas, por exemplo, assume caráter de guia das práticas escolares e das próprias práticas do professor, ou seja, a base torna-se, então, o ponto de partida da Educação Básica.

Diante disso, compreendemos que a “orientação social do enunciado” (VOLÓCHINOV, 2019, p.280) pode ser observada na base ao se tratar de uma orientação para o outro, pois se destina a direcionar os sistemas de ensino quanto à elaboração e à organização curricular e dos itinerários formativos. Isso significa que se destina aos professores, leitores e estudiosos da base, que assumem atitudes responsáveis e responsivas, o que “pressupõe inevitavelmente a consideração da inter-relação sócio-hierárquica que existe entre os interlocutores” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 280).

Em tal consideração, podemos visualizar a orientação social da BNCC, visto que, muito daquilo que está explícito em um texto e os sujeitos a quem este se destina, por exemplo, fazem mudar as condições e as finalidades do enunciado. Assim, é na interação e no intercâmbio entre os sujeitos, entre falante e ouvinte, que afirmamos que o enunciado está mergulhado na dependência ao auditório, seja este presente ou presumido, no caso, os professores, leitores e pesquisadores da Base.

No que toca à legalidade da base, trata-se de um documento com força de lei, marcado dialógica e ideologicamente, pois faz menção a outros documentos de ensino, enfatizando o discurso da educação enquanto um direito, “ao reportar ao fato de que sua legitimidade se fortalece pelos parâmetros de outros textos de ordem legal também autorizados pelo órgão ministerial cuidador da Educação, como o PNE e a CONAE.” (XAVIER; ALMEIDA; NASCIMENTO, 2019, p. 173).

Assim, a BNCC, ao recuperar leis e normatizações, convoca também vozes, posicionamentos axiológicos e, sobretudo, adquire o caráter dialógico próprio dos enunciados, tornando-se, além de marco legal, um evento único e irrepetível, no qual os usos da língua são postos em prática na elaboração de um documento normatizador de ensino. Para comprovarmos essa consideração, apresentamos a Figura 5:

Figura 5 – O conceito de diálogo na BNCC

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de **aprendizagens essenciais** que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996)¹, e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN)².

Fonte: (BRASIL, 2018, p. 05)

A Figura 5 nos apresenta outra característica do enunciado que pode ser identificada na BNCC, isto é, a noção de diálogo, ao recuperar documentos oficiais de ensino, como as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN). Assim, consideramos que a BNCC pode ser lida como um enunciado que, ao dialogar com outros enunciados, oferece uma resposta aos já ditos, o que significa afirmar que um enunciado não pode se concretizar isoladamente. Isso significa que o enunciado é por natureza dialógico, que recruta o dialogismo inerente à linguagem, como já apontado anteriormente. Nesse sentido, concordamos com Xavier, Almeida e Nascimento (2019), ao afirmarem que há uma dialogia que reforça a concepção de ensino enquanto direito do cidadão garantido por lei, ao evocar vozes de forças jurídicas, demonstrando, mais uma vez, o caráter dialógico, como em uma cadeia de textos oficiais que dialogam e interagem.

Abordar enunciado a partir da concepção de linguagem do Círculo de Bakhtin remete-nos, também, à interação dialógica e à concepção enunciativa, uma vez que o enunciado é apresentado como ato dialógico, bem como produto da linguagem. Nesse sentido, tal conceito não é neutro, assim como a linguagem, e está repleto das intenções dos sujeitos falantes, concretizando-se na língua em uso. Isso nos direciona ao ponto de vista de que todo enunciado exige a parte verbal e uma extraverbal, além de exigir a presença de um auditório, ou seja, a presença real e necessária dos participantes na situação de comunicação, elaborando e pondo em práticas seus enunciados de acordo com as necessidades sociais e históricas.

Assim sendo, o enunciado reflete situações específicas, uma vez que a própria comunicação humana se estabelece por meio de enunciados e não apenas das orações. Logo, enunciado é concebido como “unidade real do discurso”, uma vez que *“a essência real da língua é o acontecimento social da interação discursiva, realizada em um ou muitos enunciados”* (VOLÓCHINOV, 2019, p. 268, itálicos do autor). Nesse sentido, “Nunca podemos compreender a construção de um enunciado [...] sem considerar que ele é só um momento, uma gota no fluxo da comunicação discursiva, tão ininterrupto quanto a própria vida social e a própria história” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 267).

Diante disso, reiteramos que “o enunciado é de natureza social” (VOLÓCHINOV, 2018), pois, para construir os sentidos, ele precisa estar relacionado a um contexto, ou seja, à parte extraverbal, aos aspectos subentendidos. Dentre essas características, Volóchinov (2019) destaca três, a saber: o espaço e o tempo, ou seja, o onde e o quando do acontecimento do enunciado; o objeto ou tema; e a relação dos falantes com o ocorrido, isto é, a avaliação, a valoração. Essas três particularidades da parte extraverbal do enunciado podemos identificar ao analisar a BNCC, observando o contexto de elaboração e circulação do referido documento parametrizador.

Centrando nossa atenção na primeira característica, ou seja, o espaço e o tempo, podemos nos deter, por exemplo, no contexto histórico, político e cultural de surgimento da base e nas várias edições pelas quais o documento passou. Trata-se de uma exigência imposta ao sistema de ensino brasileiro por meio de documentos educacionais anteriores, como a LDB, para atender ao Programa Nacional de Educação (PNE).

Diante do exposto, é importante pensar qual o cenário educacional espaço-temporal em que surgiu a base. Tratava-se de um período político marcado por transformações sociais, alteração na conjuntura econômica e financeira do país e principalmente educacional, envolvendo trâmites e processos desenvolvidos a partir de discussões com vistas a refletir sobre avanços, possibilidades e problemas identificados. Nesse sentido, concretiza-se um contexto envolto em mudanças significativas para consolidar a BNCC.

A segunda característica da parte extraverbal do enunciado proposta por Volóchinov (2019) diz respeito ao tema tratado. Para além da orientação social, o enunciado encerra também um conteúdo que se faz indispensável, pois sem ele, o enunciado se configuraria como um conjunto de sons sem significação. Para Volóchinov (2019, p. 282), “[...]todo enunciado efetivo e real é dotado de um sentido”.

É possível observar tal particularidade na BNCC enquanto enunciado, uma vez que, configurando-se como “documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (BRASIL, 2018, p. 7), apresenta um conteúdo, que permite construir sentidos, valorações. Essa observação exige uma relação com o pensamento de que os sentidos possíveis de serem produzidos necessitam de um contexto, no caso da BNCC, os contextos educacional, político e ideológico.

Por fim, a última característica do enunciado diz respeito à avaliação. Compreendemos essa parte como os estudos, as investigações e as pesquisas desenvolvidas sobre a base, como a que intentamos aqui. Portanto, defendemos a ideia de que é possível sim conceber a BNCC enquanto enunciado, que foi(é) pensado, construído e reelaborado, na busca de atender às necessidades educacionais e às características típicas de um determinado gênero do discurso, ou seja, concretiza-se na materialidade linguística, pois “Não há enunciado nem vivência fora da expressão material” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 286) e essa materialidade torna-se possível no seu próprio texto.

À vista disso, afirmamos que a BNCC, ao ser tornar produto da atividade humana e elemento que refrata essas atividades, sendo reflexo da vida social, pode ser entendida como enunciado em perspectiva dialógica da linguagem. Assim sendo, a BNCC do EM, enquanto enunciado, não pode ser lida como produto pronto e acabado, mas em contínua produção e adequação, em uso contínuo, em um fluxo constantemente e atualizado.

Ainda no intuito de refletir sobre como a BNCC se concretiza enquanto enunciado, recuperamos a informação de que para a área de Linguagens e suas Tecnologias foram estabelecidas competências e habilidades específicas que precisam ser desenvolvidas durante os anos de escolaridade do educando. Para elucidarmos o que é proposto na habilidade *EM13LP07*, por exemplo, pertencente a todos os campos de atuação social, na prática “Leitura, escuta, produção de textos (orais, escritos, multissemióticos) e análise”, apresentamos a Figura 6:

Figura 6 - O enunciado envolto em diferentes semioses

PRÁTICAS Leitura, escuta, produção de textos (orais, escritos, multissemióticos) e análise linguística/semiótica	
Habilidades	Competências específicas
(EM13LP07) Analisar, em textos de diferentes gêneros, marcas que expressam a posição do enunciador frente àquilo que é dito: uso de diferentes modalidades (epistêmica, deôntica e apreciativa) e de diferentes recursos gramaticais que operam como modalizadores (verbos modais, tempos e modos verbais, expressões modais, adjetivos, locuções ou orações adjetivas, advérbios, locuções ou orações adverbiais, entonação etc.), uso de estratégias de impessoalização (uso de terceira pessoa e de voz passiva etc.), com vistas ao incremento da compreensão e da criticidade e ao manejo adequado desses elementos nos textos produzidos, considerando os contextos de produção.	1

Fonte: (BRASIL, 2018, p. 499)

Ao convocarmos a Figura 6, reforçamos que a BNCC adota uma concepção de enunciado típica da Teoria Dialógica da Linguagem ao fazer referência a elementos que remetem a posicionamentos valorativos, como as marcas que expressam a posição do enunciado.

Atentemos ao fato de que o documento, como identificado na Figura 6, propõe atividades que envolvam elementos discursivos diversos, trazendo o enunciado envolto em diferentes semioses. Tal perspectiva nos conduz a observar a concepção de linguagem enquanto plural, heterogênea, na relação entre o verbal e o extraverbal.

Nesse sentido, ratificamos o posicionamento de Dantas e Santos (2020, p. 294), que salientam o caráter comunicativo tão importante para os estudos do Círculo de Bakhtin e que se faz presente no texto da base, ao propor o desenvolvimento de um sujeito expressivo, “participativo e integrante de usos diversos da/na linguagem humana.” (DANTAS; SANTOS, 2020, p. 294).

Os sentidos atribuídos ao enunciado remetem aos usos da linguagem de forma concreta, indicando que comunicação, interação e enunciação precisam ser percebidas a partir da natureza sócio-histórica e dialógica da linguagem, mantendo relações intrínsecas com enunciados já proferidos, que circulam na sociedade, e ao serem proferidos, tornam-se um evento único, um acontecimento. Assim também entendemos a base: enquanto enunciado, torna-se acontecimento único.

Ao destacar que é necessário analisar “as marcas que expressam a posição enunciativa frente àquilo que é dito” (BRASIL, 2018, p. 499), a BNCC convoca a concepção de enunciado como unidade da comunicação e da interação discursiva, marcada social e historicamente, pela/na relação entre os já ditos.

Em vista do exposto, torna-se pertinente abordar as características do enunciado apresentadas por Bakhtin (2016). A primeira característica diz respeito à alternância dos sujeitos falantes e corresponde a uma troca de funções entre eles, produzindo interação, diálogo, réplicas, inseridos em um determinado contexto. Essa primeira particularidade já aponta para a segunda, pois dialoga com a noção de acabamento específico, que é orientado pelo tema, pela própria alternância dos sujeitos, o que indica a relação dialógica inerente ao enunciado, possibilitando uma atitude responsiva.

A terceira característica do enunciado diz respeito a sua relação com o próprio locutor e com os outros presentes na comunicação, de modo que o enunciado se apresenta como um o elo na cadeia da comunicação verbal.

Tais particularidades do enunciado podem ser observadas na BNCC ao nos remeter ao contexto histórico, social, político e educacional da construção da base já discutida anteriormente. Ademais, essas propriedades do enunciado podem ser constatadas no texto do documento, ao indicar as práticas contemporâneas de linguagens, destacando “[...] os processos colaborativos, as interações [...]” (BRASIL, 2018, p. 498).

Verificamos que a construção do enunciado é apresentada como possibilidade, indicando que, por meio dele, a participação do aluno é potencializada. Trata-se, pois, dos potenciais colaborativo e participativo apresentados pela BNCC, que os estudantes podem desenvolver nos mais diversos campos da atuação social.

Ao se falar em enunciado a serviço de potencializar a participação do educando, podemos, mais uma vez, pensar em diálogo, dialogismo e interação, uma vez que, para que ocorra uma aprendizagem colaborativa, os sujeitos

envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem precisam manter uma interação, o que proporciona ecoar vozes diferentes no mesmo enunciado, tornando-o polifônico. Por isso, vemos que a BNCC não apenas apresenta aproximações teóricas com a perspectiva dialógica da linguagem, mas os próprios conceitos dialogam dentro do documento e o próprio documento se torna um ato dialógico, um acontecimento real da linguagem.

Além disso, precisamos considerar “a dependência entre enunciado e as condições concretas” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 257), visto que é a partir das vivências que podemos perceber o enunciado enquanto unidade real da comunicação, uma vez que este possui fronteiras determinadas pela alternância dos sujeitos da comunicação; pressupõe uma expressividade, um estilo, uma concretude, o que ocorre na BNCC quando se torna documento oficial de ensino.

Na BNCC, ao serem propostas reflexões de análise que envolvem os aspectos “formais de enunciados nas diferentes semioses” (BRASIL, p. 478), podemos perceber uma relação com o pensamento bakhtiniano, visto que para o filósofo russo:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo de atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2016, p. 11-12).

As atividades sociais exigem a concretização do enunciado e de seus mais diversos usos, refletindo as condições das atividades humanas e, como tal, apresentam traços para além dos aspectos verbais, como tempo, lugar, tema do evento do enunciado e a atitude valorativa do falante, uma vez que o fenômeno estritamente linguístico perde sua significação.

Não podendo ser compreendido como unidade convencional, mas “unidade real” da língua (VOLÓCHINOV, 2019), concebemos que é na comunicação discursiva que os enunciados são elaborados, pensados, reformulados de acordo com as necessidades dos falantes, aspectos que, podemos afirmar, foram levados em consideração quando da elaboração da BNCC, o que confirma, mais uma vez, a viabilidade de ler tal documento como enunciado em perspectiva dialógica.

Sobre o estudo de língua, apesar de não trazer em suas referências explícitos os estudos de Bakhtin e do Círculo, a BNCC afirma que compreende as línguas como fenômenos das mais diversas naturezas, como história, social, cultural, enxergando-a como heterogênea, além de serem apresentadas como expressões a identidade pessoal e coletiva, assim como nos propõe os estudos dialógicos, especificamente quando centra a atenção aos aspectos culturais e sociais da linguagem, que são basilares para a teoria do Círculo.

Em Volóchinov (2019), observamos que a língua/linguagem reflete a organização da sociedade que a gerou e a utiliza, tendo, pois, considerável papel no desenvolvimento da vida e da interação social.

Partindo de tal consideração, recrutamos a voz de Bakhtin, para quem:

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua (BAKHTIN, 2016, p. 11).

É justamente esse posicionamento bakhtiniano que nos motivou a investir nas discussões acerca da concepção de enunciado presente na BNCC, tendo em vista que de fato ele está presente, assim como a linguagem, em todos os campos da atividade humana e como tal concretiza-se nos documentos oficiais de ensino, como a BNCC, sobretudo quando se fala em orientação para o ensino e para a aprendizagem de Língua Portuguesa. Assim, não há como negar a intrínseca relação entre a linguagem e os campos educacional e social.

Diante disso, lançamos mão do posicionamento de Brait e Nunes (2018) ao considerarem que:

a descrição, análise e interpretação de documentos oficiais brasileiros de educação, tendo como foco a linguagem que os constituem, permitirá reconhecê-los como enunciados concretos, construídos por discursos sociais, culturais, políticos, a partir de posicionamentos axiológicos de sujeitos que os constituem e que, ao mesmo tempo, aí se constituem (BRAIT; NUNES, 2018 p. 146).

De fato, conseguimos identificar na BNCC a presença de posicionamentos axiológicos, de vozes, de concepções de linguagem, discurso, interação e diálogo, conceitos basilares para a concepção Dialógica da Linguagem e, feito isso, reafirmamos que a BNCC pode ser lida como enunciado, uma vez que este, de acordo com o pensamento do Círculo de Bakhtin, assume uma postura ativamente responsável e responsiva, situado social e historicamente. Portanto, frisamos que nossa análise da BNCC, a partir da concepção dialógica da linguagem, possibilitou-nos entender tal documento como enunciado concreto que se concretiza nos usos que serão feitos por professores, escolas, pesquisadores. Desse modo, defendemos a BNCC enquanto enunciado concreto, enquanto unidade real da comunicação discursiva.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das discussões aqui desenvolvidas, entendemos que a BNCC, ao propor um ensino de Língua Portuguesa pautado em condições didático-pedagógicas para a formação integral do aluno, ao orientar os sistemas educacionais para elaboração das propostas curriculares voltadas à reflexão

dos usos da linguagem/língua e ao propor uma perspectiva de aprendizagem construtiva e colaborativa, traz, de forma subjacente, concepções, posicionamentos axiológicos que remetem à Teoria Dialógica da Linguagem. Isso ocorre, principalmente, ao fazer uso de conceitos próprios dos estudos do Círculo bakhtiniano, como interação, discurso, diálogo, considerando a interação e o dialogismo, como fenômenos essenciais da linguagem em contexto de ensino.

Ao considerarmos o enunciado enquanto um complexo no processo interacional, pois a própria concepção de interação discursiva está voltada à compreensão de enunciação como dialógica, flexível, mutável, situada em um contexto que a torna viva, refletimos os modos e as configurações dos sujeitos/falantes, proporcionando enxergar os documentos oficiais de ensino, em específico a BNCC, como enunciados carregados de sentidos e de valorizações.

Diante disso, ratificamos que a concepção de BNCC como enunciado ocorre em virtude de se tratar de um produto da atividade humana e que refrata essas atividades, sendo produto e reflexo da vida social que está em um fluxo constantemente de diálogo e interação. Isso significa afirmar o documento pode ser caracterizado como respostas às necessidades de construir um ensino pautado em competências e habilidades que sejam comuns a todos os sistemas de ensino, buscando unificar a educação.

Desse modo, compreendemos que a BNCC, enquanto enunciado, possui limites que a caracterizam e, dentre eles, destacamos a alternância dos sujeitos como a mola propulsora, pois a partir dessa alternância é possível perceber as demais, sobretudo o aspecto dialógico, uma vez que, quando há a troca dos sujeitos, concretizam-se o diálogo, as atitudes responsivas, a conclusibilidade e a relação do enunciado com o outro.

Dessa forma, salientamos que a base pode ser lida como um elo na cadeia da comunicação discursiva, um elemento determinado da própria enunciação. Logo, a BNCC do EM, enquanto enunciado, é uma parte da engrenagem dos documentos normatizadores e orientadores do ensino, isto é, significa um elo na cadeia educacional e, nesse sentido, reafirmamos que a compreendemos enquanto enunciado e que esse conceito é contemplado no documento em perspectiva dialógica ao abordar o ensino de Língua Portuguesa, convocando posições axiológicas e ideológicas perpassadas por entornos sociais diversos.

The conception of enunciation in the BNCC: dialogical possibilities

ABSTRACT

This article results from discussions developed in the Graduate Program in Language and Teaching at the Federal University of Paraíba about the relationship and interaction between the Common National Curriculum Base (BNCC) and dialogical conceptions of language that, in our view, present a possible dialogue, even if the text of the Base does not explain the theoretical current adopted. In this sense, we start from the following question: how can we think the guidelines contained in the BNCC considering the notion of enunciation expressed by Bakhtin's Circle? To glimpse possible answers, we aim to analyze how the notion of enunciate is addressed in the BNCC of High School when proposing the work with Portuguese Language. Therefore, the investigation will be carried out on two fronts: the first, to reflect on how the BNCC itself can be understood as enunciate; and the second how the document addresses this concept, regarding the teaching of Portuguese Language. As a theoretical basis, we rely on the contributions of Bakhtin and the Circle's Dialogical Theory of Language. As far as methodology is concerned, this is a documental, exploratory research. Therefore, the results indicate that when we propose relations between the BNCC and the dialogical approach to language, and when we reflect on concepts such as language, interaction, dialogue, and the very notion of utterance, it is possible to understand the BNCC as a concrete utterance, a real unit of discourse, a dialogical act, which is, by nature, socially and historically situated.

KEYWORDS: BNCC. Utterance. Discursive communication

REFERÊNCIAS:

BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. Tradução e notas de Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo, Editora 34, 2016.

BRAIT, B., MELO, R. Enunciado, enunciado concreto e enunciação. *In*: BRAIT, Beth (org.) **Bakhtin**: conceitos-chave. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2020

BRAIT, B.; NUNES, J. A. **Documentos oficiais em diálogo**. Eutomia, Recife, v.1, n.1, p. 144-168, jul. 2018.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

DANTAS, W.; SANTOS, E. C. dos. **As ideias linguísticas do círculo de Bakhtin na base nacional comum curricular (BNCC)**. Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 9., n. 3., 2020, p. 287-303

TIMMERMANN, R. de S. **A construção do sentido dos enunciados**: uma interface possível entre as concepções dialógica e argumentativa da linguagem. 2014 Dissertação (mestrado em Letras) Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo, 2014.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Vieira de Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo –1. ed. *São Paulo: Editora 34, 2019.*

XAVIER, M. M.; ALMEIDA, M. de F.; NASCIMENTO, R. N. A. A Base Nacional Comum Curricular nas trilhas da análise dialógica do discurso e dos estudos cultura. *In*: NASCIMENTO, R. N. A.; LIMA, V. A. de O. **Incursões e travessias culturais para pensar o campo da comunicação**. (Orgs.). Campina Grande: EDUEPB, 2019.

XAVIER, Manassés Morais. **Educomunicação em perspectiva dialógico-discursiva**: leituras do jornalismo político no Ensino Médio. São Paulo: Mentis Abertas; Campina Grande: EDUFCG, 2020.

